# A CONSTRUÇÃO DE UM IDEAL DE BELEZA EM “O REI DO SHOW”

Kamila Silva Chaves

Kezia Calixto

**Resumo:** este artigo propõe investigar como *“O Rei do Show*” utiliza o espetáculo para questionar e ressignificar os padrões tradicionais de beleza por meio de uma abordagem crítica. Com apoio em teóricos como Naomi Wolf e Umberto Eco, a narrativa é compreendida como uma forma de resistência estética e social. Destacam-se as personagens Lettie Lutz e Anne Wheeler, que simbolizam a desconstrução do ideal estético normativo e revelam como o afeto e a aparência são atravessados por estruturas históricas de dominação, *O Rei do Show* nos convida a refletir sobre quem define o que é belo, quem pertence aos espaços de visibilidade e quais corpos têm o direito de ser qual amados, aceitos e celebrados. Ao dar voz aos excluídos e transformar suas histórias em potência narrativa, o filme contribui para a construção de um novo imaginário social, no a beleza deixa de ser instrumento de dominação e passa a ser expressão de liberdade, identidade e humanidade. Portanto, analisar como o musical tensiona e ressignifica tais padrões, contribui para reflexões importantes acerca das construções sociais da beleza e da alteridade na contemporaneidade.

**Palavras-chave: beleza; classe social; preconceito; exclusão; estética.**

**Abstract:** This article aims to investigate how "The Greatest Showman" uses spectacle to question and resignify traditional beauty standards through a critical approach. Drawing on theorists such as Naomi Wolf and Umberto Eco, the narrative is understood as a form of aesthetic and social resistance. The characters Lettie Lutz and Anne Wheeler stand out, symbolizing the deconstruction of the normative aesthetic ideal and revealing how affection and appearance are permeated by historical structures of domination. The work proposes a reflection on the social construction of beauty, exclusion, and the importance of representation in contemporary art and culture. Therefore, analyzing how the musical tensions and resignifies these standards contributes to important reflections on the social constructions of beauty and otherness in contemporary times.

**Keywords: beauty; social class; prejudice; exclusion; aesthetics**

## INTRODUÇÃO

O musical, dirigido por Michael Gracey, que tem por título *O Rei do Show (2017)* narra a trajetória de P.T Barnum, que após a perda de seu único responsável, precisou adotar meios não convencionais para sobreviver. Com isso, evidencia a precariedade de sua situação e motiva, ao longo de sua vida, a busca incessante por ascensão social e estabilidade financeira. Esse desejo intensifica no seu casamento com Charity, cuja origem abastada contrastava com a simplicidade de Barnum, acentuando o obstáculo da diferença de classe social que dificultava a aceitação do relacionamento por parte da família de sua esposa. Após ser demitido o personagem decide abrir um museu, contudo, o insucesso inicial em atrair visitantes o impulsiona a reunir pessoas consideradas "diferentes", "exóticas" ou mesmo "aberrações" segundo os rígidos padrões sociais da época, mais do que relatar a criação do circo, durante a narrativa, o musical expõe a luta contra o preconceito e a intolerância. Os artistas do espetáculo são alvo de agressões físicas e verbais, sendo sistematicamente rejeitados e estigmatizados pela sociedade, que os enxerga como "monstros" e insiste em excluí-los de espaços públicos. Assim, o enredo mostra que as diferenças são frequentemente tratadas como aspectos a serem ocultados ou combatidos, ao invés de valorizados. Diante desse contexto, este artigo propõe investigar como *"O Rei do Show*" utiliza o espetáculo para questionar e ressignificar os padrões tradicionais de beleza, e para isso, selecionamos as personagens Lettie Lutz, a Mulher Barbada, que representa a aceitação da própria identidade e aparência, desafiando, com sua singularidade, os padrões estéticos excludentes de sua época. E Anne Wheeler, a trapezista e acrobata, que tem um papel fundamental na trama pelo seu relacionamento com o Philip, um jovem de família rica e tradicional que com sua atuação também desafia as normas sociais e o preconceito racial da época. Para a análise, recorremos à obra "História da beleza" (2004), de Umberto Eco, que discorre sobre a história e a representação da beleza nas sociedades desde as antigas até as modernas. A obra investiga como a ideia de beleza é compreendida e representada ao longo da história da cultura ocidental. Para embasar a análise das personagens Lettie Lutz e Anne Wheeler, recorre-se à obra *O mito da beleza*, de Naomi Wolf (1990), que propõe uma reflexão

crítica sobre os padrões estéticos impostos às mulheres nas sociedades ocidentais modernas. A autora defende que o ideal de beleza funciona como uma construção social que oprime e limita a autonomia feminina, sendo utilizado como forma de controle e exclusão. Dentro dessa perspectiva, as personagens de *O Rei do Show* aparecem como figuras de resistência, pois desafiam os modelos tradicionais de beleza e comportamento ao se afirmarem em suas identidades e diferenças.

A relevância deste estudo reside no fato de que, no século XXI, os debates sobre representatividade, inclusão e aceitação das diferenças permanecem centrais, sobretudo em uma sociedade onde os ideais de beleza seguem fortemente moldados por estereótipos midiáticos. Vale ressaltar que esse padrão de beleza é imposto pela sociedade advém da burguesia, de classes sociais altas, onde os "privilegiados" possuem condições para possuir aquilo que há de melhor para a sua estética. Portanto, analisar como o musical tensiona e ressignifica tais padrões, contribui para reflexões importantes acerca das construções sociais da beleza e da alteridade na contemporaneidade.

## OS PADRÕES DE BELEZA NAS DIFERENTES CLASSES SOCIAIS

Em nossa sociedade, a ideia de um "padrão de beleza" foi crescendo ao longo da história e esse termo pode ser definido como um conjunto de normas estéticas que determina se aquilo é belo ou ideal em termos de aparência física. Pois como afirma Eco (2004), desde a Grécia antiga até os dias atuais, sempre existiu o interesse pelas coisas e pessoas belas. Dessa forma o objeto aqui analisado destaca em sua narrativa o valor de cada indivíduo não apenas pela sua aparência, mas pela singularidade que cada um carrega. Entre os personagens de destaque está a mulher barbada, Lettie Lutz, interpretada por Keala Settle. Sua imagem é associada à transgressão dos padrões normativos de beleza e feminilidade, dessa forma, a personagem representa a luta por dignidade e aceitação em uma sociedade excludente. A representação de Lettie Lutz permite refletir sobre os critérios de normalidade e anormalidade, especificamente no que diz respeito à aparência física. Nesse sentido, é importante considerar que os conceitos de belo e feio são construções sociais e culturais, e não definições universais. Como bem observa Eco (2004, p. 136),

> "Não é difícil entender que o feio, enquanto conceito relativo, só é compreensível em relação a um outro conceito. Este outro conceito é o belo, que constitui seu pressuposto a partir do positivo. Se não

> houvesse o belo, o feio efetivamente não existiria, pois só existe como negação daquele [...]".

A mulher barbada é vista como "feia" não por uma característica intrinsecamente negativa, mas porque sua imagem contrasta com o padrão tradicional do "belo", que privilegia corpos femininos lisos, delicados e dentro de normas hegemônicas. Na sociedade moderna, o corpo assume um valor simbólico ao funcionar também como marcador de classe social. Segundo Goldenberg (2002, p. 10),

> "O corpo é um agente das diferenças sociais e, sendo "cultivado sob a moral da boa forma, surge como marca indicativa de certa virtude superior daquele que o possui. Um corpo coberto de signos distintos que, mesmo nu, exalta e torna visíveis as diferenças entre grupos sociais".

Ao longo da narrativa, Lettie rompe com esse julgamento ao reivindicar sua identidade Neste contexto, a canção *"This is Me"* reflete sobre identidade e coragem, abordando o processo de aceitação de si mesmo e a recusa em permitir que o outro dite seu valor. A letra marca um ponto de virada, no qual a personagem assume sua singularidade, exigindo respeito e visibilidade por quem ela é. Tal cena simboliza a subversão do conceito de feio, apresentando uma estética alternativa baseada na autenticidade e na valorização das diferenças. A presença da mulher barbada no circo de Barnum pode ser lida tanto como uma exploração da alteridade quanto como uma plataforma para resistência e empoderamento. Sua jornada no musical ilustra um movimento de transformação pessoal e coletiva, que propõe uma ressignificação da beleza, desconstruindo os critérios tradicionais de normalidade.

Segundo Marx e Engels (2007, p. 14), "A história de todas as sociedades até hoje existentes é a história da luta de classes." Um ponto crucial que aborda de forma explícita o preconceito e as barreiras sociais são o relacionamento de Anne Wheeler e Phillip, pois pertencem a classes diferentes. O amor entre eles desafia essas barreiras, mas não consegue ignorar completamente os efeitos da divisão hierárquica que os cerca. A personagem Anne Wheeler, trapezista interpretada por Zendaya, também revela como o ideal de beleza pode ser utilizado como ferramenta de exclusão, especialmente quando entrelaçado às questões raciais. Apesar de sua aparência delicada e de sua habilidade no picadeiro características comumente valorizadas dentro dos padrões estéticos femininos, Anne não é aceita socialmente por ser uma mulher negra. Seu relacionamento com Phillip é constantemente ameaçado pelos preconceitos da elite branca, que não reconhece nela uma figura digna de respeito ou pertencimento. O gesto de Phillip ao soltar sua mão diante da família no teatro reforça esse controle simbólico: o corpo

feminino negro é rejeitado não por falta de beleza, mas porque não se encaixa no modelo hegemônico racializado. Assim, o musical revela como a beleza, longe de ser uma qualidade neutra, é usada para manter estruturas de poder e exclusão que afetam especialmente mulheres negras. O musical *O Rei do Show* evidencia as contradições de uma sociedade marcada por desigualdades de classe, raça e padrões de beleza, que excluem e marginalizam aqueles que não se enquadram nas normas impostas socialmente.

Embora o afeto entre os dois personagens represente uma tentativa de transgressão das fronteiras impostas pelas divisões sociais, ele também evidencia o quanto essas barreiras continuam presentes e atuantes mesmo nas esferas mais íntimas da vida. O amor entre Anne e Phillip não é livre; ao contrário, é constantemente testado pela força das convenções sociais e pela rigidez das estruturas de classe. Essa leitura encontra sustentação na teoria sociológica de Max Weber (1971), que argumenta que, nas sociedades capitalistas, a distribuição desigual da propriedade e dos recursos materiais é um dos principais fatores de diferenciação social. Para Weber, a classe não é apenas uma posição econômica, mas também uma estrutura que influencia o estilo de vida, as relações sociais e as oportunidades de mobilidade. Nesse sentido, o distanciamento entre Anne e Phillip não é apenas o resultado de uma escolha individual, mas a consequência de um sistema que classifica as pessoas com base na posse ou ausência de capitais econômicos, culturais e simbólicos.

Assim, *O Rei do Show* ultrapassa o campo do entretenimento e assume um caráter crítico ao expor as contradições sociais que permeiam as relações humanas. Ao narrar um romance atravessado por desigualdades de raça e classe, o musical revela como as estruturas sociais moldam até mesmo os afetos, e como os laços amorosos podem ser sufocados pelas exigências de um sistema hierárquico e excludente. A obra, portanto, não se limita a contar uma história de amor, mas denuncia, ainda que de forma poética, uma sociedade marcada por divisões profundas que continuam a reger o comportamento, os vínculos e o destino das pessoas.

## A BELEZA COMO FERRAMENTA DE DOMINAÇÃO FEMININA

A construção social da beleza tem sido uma das mais eficazes ferramentas de dominação feminina no Ocidente moderno. Naomi Wolf, em sua obra “O mito da beleza” afirma que a beleza não é um conceito neutro ou universal, mas sim um “sistema monetário semelhante ao padrão ouro”, utilizado para atribuir valor às mulheres dentro de uma lógica hierárquica e patriarcal (Wolf, 1992, p. 15). Esse sistema, segundo a autora, é definido politicamente e serve

para manter intacto o domínio masculino, sendo constantemente moldado de acordo com interesses sociais e econômicos. A partir desse paradigma, a aparência feminina deixa de ser apenas uma característica física para se tornar um requisito fundamental de aceitação social, profissional e até jurídica. Um exemplo ilustrativo desse processo é o caso de Margarita St. Cross, garçonete do Playboy Club em Nova York, que foi demitida por "perder sua imagem de coelhinha". A empresa estabelecia uma hierarquia estética rígida, que ia de "beleza impecável" até "perda da imagem de coelhinha seja por envelhecimento, seja por um problema de aparência incorrigível" (Wolf, 1992, p. 41). Nesse caso, a beleza deixou de ser uma questão pessoal e passou a ser um critério legítimo para o emprego, validado inclusive pelo sistema judicial. A autora aponta ainda que essa lógica conduz as mulheres a uma competição antinatural e cruel entre si. Ao explicar como o padrão físico imposto culturalmente expressa relações de poder, Wolf afirma que as mulheres são forçadas a competir "por recursos dos quais os homens se apropriaram" (Wolf, 1992, p. 15).

A beleza, portanto, opera como uma forma de controle: ao invés de incentivar a solidariedade feminina, fomenta a rivalidade e a insegurança, perpetuando a subordinação feminina sob o disfarce da escolha individual. É importante destacar que essa "beleza ideal" não é apenas uma imposição estética, mas também cultural e histórica. Para a autora, "a beleza não é universal, nem imutável, embora o mundo ocidental finja que todos os ideais de beleza feminina se originam de uma Mulher Ideal Platônica" (Wolf, 1992, p. 15). Isso revela o caráter construído e excludente do padrão, que ignora a diversidade dos corpos, raças e contextos culturais das mulheres reais. Um exemplo simbólico dessa crítica aparece no musical *"O rei do show"*, por meio da personagem da mulher barbada, que é marginalizada por fugir das normas estéticas tradicionais. Ela representa o rompimento com o ideal hegemônico de beleza feminina ao ocupar o centro do palco, ela afirma sua existência e desafia o imaginário social que tenta inviabilizar corpos fora do padrão. Sua presença questiona diretamente o mito da beleza ao reivindicar reconhecimento, dignidade e pertencimento, mesmo sendo constantemente rejeitada pela sociedade.

Assim, a narrativa da mulher barbada, encarna a crítica de Wolf ao revelar como os padrões ditos "naturais" são, na verdade, construções que buscam manter um ideal limitado de feminilidade, excluindo todas aquelas que não se encaixam na figura idealizada da mulher "Mulher Platônica". Wolf ainda argumenta que o mito da beleza contemporâneo se tornou "mais insidioso do que qualquer mística da feminilidade surgida até agora" (Wolf, 1992, p. 24). Diferente das formas explícitas de opressão anteriores, ele atua de forma silenciosa, porém eficaz, deslocando o foco da crítica social para o corpo da própria mulher. Segundo a autora,

“no lugar em que as mulheres estão presas hoje, não há porta a ser batida com violência, já que a prisão simbólica se instalou dentro da própria autopercepção feminina” (Wolf, 1992, p. 24). Dessa forma, é possível compreender que o mito da beleza, longe de ser uma simples preferência estética ou um gosto pessoal, constitui um mecanismo sofisticado de controle social e político sobre as mulheres. Ele opera tanto no campo simbólico quanto no material, afetando o mercado de trabalho, as decisões judiciais e até a autoestima e saúde mental das mulheres. Como afirma a autora, libertar-se desse mito exige mais do que romper com padrões visuais: requer uma nova forma de ver (Wolf, 1992, p. 24).

Essa nova forma de ver é justamente o que propõe a narrativa de *O Rei do Show*, ao dar protagonismo a personagens que historicamente foram excluídos por não se encaixarem nos padrões normativos de beleza e comportamento. A mulher barbada, por exemplo, representa uma afronta direta ao ideal estético ocidental que associa feminilidade à delicadeza e à suavidade. Sua visibilidade e afirmação simbólica mostram que a verdadeira libertação feminina passa pelo reconhecimento da diversidade dos corpos e da legitimidade de existências que ultrapassam os limites impostos por um padrão único de beleza. Assim, a personagem encarna a crítica de Naomi Wolf, revelando que o combate ao mito da beleza começa, essencialmente, pela desconstrução do olhar que julga e exclui. Ao assumir seu corpo como ele é e ocupar um espaço de visibilidade, a mulher barbada transforma aquilo que antes era considerado desvio em força e identidade. Sua presença reforça que a libertação feminina não está em alcançar um ideal imposto, mas em afirmar sua existência com dignidade e autenticidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O musical O Rei do Show vai além do entretenimento ao propor uma reflexão crítica sobre os padrões sociais de beleza, as desigualdades de classe e as opressões. Por meio de personagens marginalizados, como Lettie Lutz e Anne Wheeler, a obra tensiona as normas sociais que historicamente excluem, silenciam e oprimem indivíduos considerados “fora do padrão”. Através da trilha sonora, da narrativa e da estética visual, o musical ressignifica a beleza como expressão da autenticidade, coragem e diversidade, contrariando os ideais hegemônicos impostos culturalmente. Ao abordar o corpo e a aparência como construções sociais, o musical se alinha ao pensamento de teóricos como Umberto Eco e Naomi Wolf, que denunciam a manipulação simbólica da beleza como forma de controle.

A mulher barbada, ao ocupar o centro do palco e afirmar seu direito de existir como é, representa uma ruptura com o ideal da “Mulher Platônica” e uma reivindicação da dignidade de corpos dissidentes. Da mesma forma, o romance entre Anne e Phillip desnuda as barreiras estruturais da sociedade capitalista, que estratifica os sujeitos com base em classe e raça, dificultando vínculos afetivos genuínos em contextos desiguais. A relevância dessa análise reside na possibilidade de promover debates sobre representatividade, inclusão e desconstrução dos padrões normativos, principalmente em uma época marcada pela valorização excessiva da estética e pela busca incessante por aceitação social. O musical evidencia que as diferenças devem ser celebradas, e não corrigidas; visibilizadas, e não ocultadas. A arte, nesse sentido, surge como ferramenta potente de resistência e transformação social. Portanto, ao revisitar e questionar as convenções tradicionais, *O Rei do Show* nos convida a refletir sobre quem define o que é belo, quem pertence aos espaços de visibilidade e quais corpos têm o direito de ser qual amados, aceitos e celebrados. Ao dar voz aos excluídos e transformar suas histórias em potência narrativa, o filme contribui para a construção de um novo imaginário social, no a beleza deixa de ser instrumento de dominação e passa a ser expressão de liberdade, identidade e humanidade.

**REFERÊNCIAS**

Eco, Umberto. **História da beleza.** Rio de Janeiro**:** Editora Record, 2004.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1992.